

## DIÁRIOS DE JUVENTUDE E *PHYLLIS E ROSAMOND*: A MULHER EM VIRGINIA WOOLF

Mayara dos Santos Freitas (USP)<sup>1</sup>

**Resumo:** Por intermédio de possíveis relações entre os diários de juventude de Virginia Woolf, à época Adeline Virginia Stephen – conjunto de sete cadernos escritos de maneira intermitente entre os seus 15 e os seus 27 anos de idade (1897-1909) –, e o conto *Phyllis e Rosamond* (1906) – uma das primeiras produções ficcionais da escritora –, este artigo tem como objetivo lançar um olhar sobre a mulher na literatura perpassando a sociedade na qual a autora inglesa se via inserida e como ela sentia-se em relação a esse ambiente, o representava e o desejava quanto mulher e para as mulheres.

**Palavras-chave:** Virginia Woolf; Diários de juventude; Conto; Mulher.

Ao se pensar em qualquer discussão a respeito da mulher em Virginia Woolf é, em primeira instância, muito provável que venham à tona lucubrações a cerca de ser Woolf feminista ou não, ou se foi o discurso feminista que abraçou algumas de suas palavras. Indaga-se se era ela uma autora que escrevia, de fato, com fervor em nome de uma luta das mulheres ou se era uma escritora alienada às verdadeiras problemáticas nas quais o mundo se encontrava à sua época, como ainda hoje muitos tendem a acreditar.

Não raras vezes, é dito que Virginia Woolf traz ao público uma fala despreziosa em relação à condição da mulher. Talvez existam razões para que, em certa medida, tal afirmação não seja de todo descartada, afinal não parece haver em Woolf, nem em seus ensaios, nem em suas obras ficcionais, um discurso inflamado, um chamamento claro e vigoroso para a luta. No entanto, suas palavras parecem delinear patente desconforto para com a maneira que as mulheres, ao longo da História, foram representadas, ou, em maior grau, não representadas.

Quando Virginia Woolf, à época ainda Adeline Virginia Stephen, inicia a escrita de seus diários de juventude (1897-1909) e, algum tempo depois, começa também a se aventurar no mundo ficcional com escritos como *Phyllis e Rosamond* (1906) – possivelmente uma de suas primeiras produções ficcionais, mas não publicada no momento de sua feitura –, ela não podia imaginar, apesar de se desejar, que viria a ser um dos grandes nomes da literatura do século XX. Contudo, suas primeiras linhas já se mostravam carregadas de um desconforto acerca da posição da mulher. Desconforto esse que percorreria diversas de suas obras futuras e que suscitariam amplas discussões.

---

<sup>1</sup> Graduada em Estudos Literários (Unicamp); Mestranda em Teoria Literária e Literatura Comparada (USP). Contato: mayara.s.freitas@usp.br.

No ensaio *Mulheres e ficção*, de 1929, Woolf apresenta uma fala, igualmente pungente em *Um teto todo seu*, também de 1929 – que talvez configure um de seus textos de maior peso quando se discute a questão da mulher em sua obra –, que, como será possível ver, é pensada muito tempo antes, já em *Phyllis e Rosamond*:

De nossos pais sempre sabemos alguma coisa, um fato, uma distinção. Eles foram soldados ou foram marinheiros; ocuparam tal cargo ou fizeram tal lei. Mas de nossas mães, de nossas avós, de nossas bisavós, o que resta? Nada além de uma tradição. Uma era linda; outra era ruiva; uma terceira foi beijada pela rainha. Nada sabemos sobre elas, a não ser seus nomes, as datas de seus casamentos e o número de filhos que tiveram. (WOOLF, 2015, p. 270)

A História tende a narrar, desde os seus grandes eventos, como guerras e outros importantes acontecimentos políticos, até a descrição dos tipos que constituem uma dada sociedade, por meio do olhar e de figuras masculinas. A ideia de que as mulheres sejam consideradas menores na História a ponto de serem deixadas de lado, ou até totalmente esquecidas, traz certo estranhamento à autora inglesa desde suas primeiras produções. Ao entrar em contato com seus textos iniciais é perceptível que a jovem Woolf pensa a questão da mulher a partir das suas vivências e a representa, demonstrando, assim, olhar atento aos acontecimentos e comportamentos da sociedade ao seu redor.

A atmosfera histórica que permeia os primeiros escritos de Woolf está imersa no período vitoriano (1837-1901). No que tange a mulher inglesa, nesse período viu-se o estabelecimento de um ideal de figura feminina, responsável por ser a guardiã da moral e da castidade (MONTEIRO, 1998). A mulher devia ser assexuada, excluída do mundo dos negócios, recolhida ao lar, sem opinião e grandes capacidades intelectuais além daquelas que pudessem servir para agradar aos homens. As mulheres de boa família deviam ser educadas de maneira a estar sempre prontas a iluminar uma sala de estar.

Essa imagem da mulher como ser social cuja única função é servir sua família, entreter convidados em uma sala de estar, está presente, em maior ou menor medida, tanto nos diários quanto em *Phyllis e Rosamond*.

### **Os diários de juventude**

Ainda bastante desconhecidos do público brasileiro, os diários de juventude de Virginia Woolf, que começam a ser escritos com o objetivo de “manter um registro do novo ano” (WOOLF, 1990, p.5), foram publicados em 1990, em um volume editado por Mitchell A. Leaska e intitulado *A passionate apprentice: the early journals, 1897-1909*.

Tais escritos íntimos configuram um conjunto de sete cadernos preenchidos de maneira intermitente entre os 15 e os 27 anos da autora.

Entre as passagens desses diários estão guardados momentos de grande movimentação na vida da jovem Virginia. Eles se iniciam dois anos após a morte de sua mãe, Julia Stephen, depois da qual a autora sofre seu primeiro colapso nervoso. Atravessam as mortes de sua irmã mais velha, Stella Duckworth, e de seu pai, Leslie Stephen. Acompanham a menina em suas atitudes de menina e frequentes oscilações de humor. Salvaguardam sua crescente ânsia por captar e descrever o mundo a sua volta, “[...] para mim é uma alegria ter ao meu dispor tamanha vastidão de imagens sem fim para reproduzi-las – reprodução está fora de questão – mas para contemplá-las, prová-las e rabiscá-las” (WOOLF, 1990, p. 143, tradução nossa), seu tatear no mundo ficcional, com a escrita de seus primeiros contos e seu ingresso no circuito literário, por meio da publicação de resenhas e ensaios em suplementos literários, quando passa a ganhar dinheiro com a sua própria pena, algo de grande peso para as mulheres da época.

Das páginas de um diarista, das suas frases íntimas e, em princípio, despretensiosas, consegue-se entrever muito de como se dá determinado momento na História, seja em seus costumes, seja por vezes em seus acontecimentos mais marcantes. Como aponta Philippe Lejeune, por meio de memórias íntimas é possível, então, ter acesso a memórias coletivas:

Mantemos um diário para fixar o tempo passado, que se esvanece atrás de nós, mas também por apreensão diante de nosso esvanecimento futuro. Mesmo secreto, a menos que se tenha coragem suficiente para destruí-lo, ou para mandar enterrá-lo consigo, o diário é apelo a uma leitura posterior: transmissão a algum *alter ego* perdido no futuro, ou modesta contribuição para a memória coletiva. Garrafa lançada ao mar. [...] (LEJEUNE, 2014, p. 262)

Dos diários de juventude de Woolf, entre entradas tipicamente diarísticas, com descrições ora detalhadas, ora apressadas do dia a dia, e textos permeados de maior impessoalidade e, por vezes, de cunho ensaístico; entre vários chás, idas a galerias, a peças de teatro; entre as necessárias caminhadas e uma rotina intensa e muito bem planejada de leitura, pode-se pinçar características da sociedade na qual a futura autora inglesa estava inserida.

Vislumbra-se, por exemplo, a questão da educação formal dos jovens. Segundo Quentin Bell, em biografia sobre sua tia Virginia Woolf, na família Stephen, assim como em muitas famílias da época, “Era considerado certo os meninos frequentarem escolas públicas, depois Universidade de Cambridge. Quanto às meninas, seriam

preparadas de maneira adequada e depois se casariam” (BELL, 1988, p.48). Por mais que as meninas Stephen, Vanessa<sup>2</sup> e Virginia, recebessem consideráveis estímulos para o desenvolvimento intelectual, ao ler os diários é possível perceber a clara diferença entre a educação dos homens e a das mulheres. Em diversas passagens, Woolf deixa entrever justamente a situação descrita por Bell: seus irmãos, Adrian e Thoby, estudando fora, enquanto ela e sua irmã recebem lições em casa, seja do pai ou de uma professora contratada – posteriormente as duas estudarão no King’s College, em um departamento chamado King’s Ladies, no qual eram dadas aulas, especificamente para mulheres, apenas de grego, latim, alemão e história.

É possível entrever também a rotina de atividades diárias das mulheres – é importante ter em mente que os relatos da jovem Virginia só levam em conta mulheres do seu estrato social, a classe média –, em especial quando Woolf fala da irmã mais velha, Stella, de tarefas que faz com ela, ou que a irmã faz: organizar a rotina da casa, comprar o que se faz necessário para uma boa vivência na casa, realizar atividades de caridade, ir a festas, fazer visitas. Nesses afazeres domésticos, Stella ocupa, até a sua morte, o papel de figura central pela qual se tem acesso ao lugar ocupado pela maioria das mulheres na virada do século XIX para o século XX.

Tais atividades femininas, em especial as relacionadas a eventos sociais, como bailes, tardes de bate-papo, causavam certo incômodo a Woolf. Havia uma incompatibilidade da jovem Virginia com ocasiões assim. Dessa forma, ela constantemente menciona ao longo das passagens dos seus cadernos íntimos de juventude que não se enquadra nessas situações, que não se sente confortável para lidar com elas.

Como dito, muitas das mulheres criadas em meio à atmosfera vitoriana eram educadas para iluminar e entreter as salas de estar, como se essas fossem o seu ambiente natural. Em um dos ensaios existentes nos diários, escrito no dia 15 de julho de 1903, Woolf trabalha justamente com essa temática. É como se as mulheres só ganhassem vida ao anoitecer, ao receberem seus convidados, ao se mostrarem para possíveis pretendentes, sendo nada mais do que os adornos dos jantares:

[...] Atualmente a maioria das jovens do nosso ciclo tem se especializado nesse ramo de aprendizagem. Suas noites são mais importantes para elas do que suas manhãs – de fato é difícil concebê-las pela manhã. Elas realmente existem antes do relógio bater às oito? Minha crença é de que o sino do jantar as chama para a existência –

---

<sup>2</sup> Após casamento com o crítico de arte Clive Bell, passa a assinar Vanessa Bell e é sob este nome que se torna uma pintora conhecida.

elas florescem nas salas de jantar assim como os jacintos em junho.  
(WOOLF, 1990, p. 167, tradução nossa)

### *Phyllis e Rosamond*

Parecem nativas da sala de visitas, como se, nascidas em vestidos de seda para a noite, jamais tivessem posto o pé num solo mais irregular do que o tapete turco, ou reclinado em superfície mais áspera do que a poltrona ou o sofá. [...] (WOOLF, 2005, p. 14-15)

Essas mulheres especializadas na sala de estar são justamente as personagens principais de *Phyllis e Rosamond* (1906), no qual o narrador de Woolf ao invés de retratar a sociedade como comumente ocorre, por meio de figuras masculinas, deseja traçar um retrato das mulheres da época. A fala inicial do conto, apresentada abaixo, remete às ideias que Virginia Woolf trabalhará no futuro, e é impossível não se atentar a certo diálogo com o excerto do ensaio *Mulheres e Ficção*.

Como os retratos desse tipo que temos são quase invariavelmente do sexo masculino, que se empertigava pelo palco com proeminência maior, parece valer a pena tomar como modelo uma dessas mulheres que se agrupam na sombra. [...] (WOOLF, 2005, p. 13)

O conto de Woolf traz para a construção de seu enredo os Hibbert, uma família de pais bem-colocados que tiveram cinco filhas, um malgrado para época. É época na qual se vivia os conflitos, os novos caminhos e descaminhos, do fim do período vitoriano; momento no qual algumas modificações do papel da mulher já começavam a acontecer, por exemplo, algumas já passavam a ter acesso ao ambiente universitário – apesar de tal situação ainda não era tão comum, ou realmente bem-vista.

Duas das filhas do casal Hibbert, as mais velhas, justamente encontram-se entre as mulheres que ingressam na universidade. No conto, elas acabam por se casar com professores da instituição e constituem uma vida totalmente permeada pelo meio acadêmico. Contudo, segundo o narrador, não é interessante falar sobre elas, pois seu intuito é fazer um retrato que sintetize a vida de muitas mulheres da época e essas não têm um destino tão comum para o período retratado (junho de 1906), “fazem carreiras tão idênticas às dos próprios homens que nem chega a valer a pena convertê-las em objetos de investigação especial” (WOOLF, 2005, p. 14). A irmã mais jovem, por sua vez, casa-se muito nova e tampouco passa por circunstâncias válidas de serem contadas. Já Phyllis e Rosamond, as chamadas filhas caseiras, guardam em si um excelente material para ser analisado.

São elas as filhas treinadas para manter uma casa, para entreter as visitas, para prender a atenção dos rapazes nos eventos sociais, com o intuito óbvio de conseguir um bom casamento, e que, em uma determinada noite, entram em contato com uma maneira de ser muito distinta das suas. Durante a narrativa, o leitor adentra a rotina dessas moças, visualizando os seus pensamentos, desejos, insatisfações e, talvez se possa dizer, certa consciência da impossibilidade de mudança nos caminhos de suas vidas.

O conto *Phyllis e Rosamond* parece guardar em si um desenho das observações de Virginia a respeito do que presenciava na sociedade em que estava inserida. Woolf, que dava os primeiros passos em seu percurso como escritora, traz para ficção situações reais vividas por muitas mulheres da época. No enredo da história, vê-se um embate entre a criação para sala de estar e uma maneira de educação diferente, representada na narrativa pelas senhoritas da família Tristram, na qual as mulheres podiam falar com maior liberdade sobre suas opiniões acerca de assuntos como amor e religião. Um embate entre mulheres cunhadas para cuidar da casa e agradar aos seus maridos, e mulheres, em certa medida, mais livres para viver a própria vida.

[...] Mas não teriam [Phyllis e Rosamond] como adotar o novo e estranho ponto de vista, sendo suas experiências para instruir a companhia. O amor para elas era algo induzido por determinadas ações bem calculadas; e que se acalentava nos salões de baile, ou dentro de odorosas estufas, por relances de olhos, por manobras de leque ou por um jeito de falar sugestivo e trêmulo. O amor aqui era uma coisa vigorosa e sincera que se punha em relevo à luz do dia, desnuda e sólida, para ser aberta e sondada como nos parecesse melhor. (WOOLF, 2005, p. 24)

Dentro da aparente simplicidade dessa narrativa, quando comparada a trabalhos futuros de Virginia Woolf, é possível entrever uma força no discurso que está sendo proferido. Trata-se de um texto com um teor altamente crítico com relação ao lugar destinado a muitas mulheres à época. Um dos trechos que possivelmente mais ressoe tal atmosfera é pensado por umas das Tristrams: “Nunca antes ela havia considerado as Hibbert como seres humanos; muito embora as chamasse de ‘senhorinhas’” (WOOLF, 2005, p. 25). Apesar de não trabalhar a ideia em profundidade, aparentemente vem à tona nesse momento da história uma crítica ao conceito do anjo do lar, ser sem forma humana, assexuado, cunhado para não sentir e nem agir fora das paredes do ambiente doméstico, cuja única e máxima capacidade é fazer de uma casa o lugar mais feliz para aqueles que a habitam. Uma personificação da perfeição.

\*

Para além das discussões de ser Virginia Woolf feminista ou não, está a percepção de que era ela um alguém atento ao mundo a sua volta – mesmo que tal mundo não raro se restringia ao habitado pela sua classe social – e com isso, e talvez por isso, trouxe para os seus primeiros escritos questões sobre a mulher, por ela observadas, vivenciadas e, muitas vezes, sentidas. A jovem Woolf abarca em suas linhas, tanto nas dos diários de juventude, quanto nas de *Phyllis e Rosamond*, a desconfortável percepção do que era esperado de uma mulher e do seu apagamento no decorrer da História. Tem-se, então, uma mulher, desde muito jovem, a fazer de mulheres os seus personagens, dando voz a uma situação ao mesmo tempo tão sua e tão de outras figuras femininas, tão presente e tão incômoda.

### Referências

- BELL, Quentin. *Virginia Woolf: Uma biografia*. Tradução: Lya Luft. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: De Rousseau à internet*. Tradução: Jovita Maria Gernheim Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- MONTEIRO, Maria Conceição. “Figuras errantes na época vitoriana: A preceptora, a prostituta, a louca”. In: *Fragmentos*, Florianópolis, vol. 8, nº1, p. 61-71, julho-dezembro de 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/6038/5608>. Acesso em 20 de julho de 2017.
- WOOLF, Virginia. *A passionate apprentice: The early journals 1897-1909*. Mitchell A. Leaska [Ed]. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1990.
- \_\_\_\_\_. “Phyllis e Rosamond”. In: *Contos completos: Virginia Woolf*. Tradução: Leonardo Fróes. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- \_\_\_\_\_. “Mulheres e ficção”. In: *O valor do riso*. Organização, tradução e notas: Leonardo Fróes. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Um teto todo seu*. Tradução: Bia Nunes de Souza e Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.